

Quatro Rolins

Dimas Macedo

Reúnem-se, neste despretenso artigo, pequenas aches à vida de quatro lavrenses que, apesar de muito haverem representado para o universo social no qual desenvolveram as suas manifestações, ainda se nos apresentam injustificadamente esquecidos. São eles Higino Gonçalves Sobreira Rolim, Luiz Rolim da Nóbrega, Raimundo Rolim de Moraes e José de Souza Matos Rolim.

Quando em junho de 1980 demos por concluído o nosso livro *Lavrenses Ilustres*, não faz muito editado pela Secretaria de Cultura e Desporto do Ceará, cogitamos de ali incluir o nome do Dr. Luiz Rolim da Nóbrega, porém, na oportunidade, os dados que dispúnhamos em torno de sua pessoa eram bastante escassos.

Quanto a Higino Rolim, não o incluímos no nosso trabalho acima aludido simplesmente pela ignorância que no momento fazíamos a respeito do seu nome, não obstante, logo no início das pesquisas, num momento de total irreflexão, tivéssemos compulsado *Rolins, Cartaxos e Afins*, de Mozart Soriano Aderaldo, onde existe estampado algo ao redor do seu nome, como a indicar uma personalidade de dimensões muito maiores, bem como uma ligeira referência em torno do Bacharel José de Souza Matos Rolim.

Raimundo Rolim de Moraes, o outro Rolim a que nos referimos, embora falecido há apenas pouco mais de um lustro, teve a grata felicidade de ver o seu nome registrado pelo Barão de Studart no 3.º volume de seu precioso *Dicionário Biobibliográfico Cearense* (Fortaleza-Ceará, 1915). Registro sem outras implicações, que acompanha o desenrolar de sua existência somente até a data de sua ordenação sacerdotal, em 1914.

Luiz Rolim da Nóbrega e Raimundo Rolim de Moraes encontram-se relacionados por Antônio Martins Filho e Raimundo Girão, em *O Ceará*, na parte relativa a Lavras da Mangabeira. Já quanto a Higino Gonçalves Sobreira Rolim e José de Souza Matos Rolim, apenas uma publicação cearense refere os seus nomes: *Rolins, Cartaxos e Afins*, de Mozart Soriano Aderaldo.

Esses quatro Rolins, entretanto, integram uma lista de mais de três dezenas de lavrenses dos séculos XVIII e XIX que, mercê da sua inteligência e do seu esforço, souberam muito bem honrar o nome da sua terra de origem. Assim, ditas, pois, estas palavras iniciais, eis, em rápidas pinceladas, os quatro Rolins que acima aludimos:

HIGINO GONÇALVES SOBREIRA ROLIM

“Para o nordestino, sertanejo de casta e origem, o nome de Higino Rolim, gravado, *in memoriam*, na ressonância histórica de Cajazeiras, tradicional jóia do sertão, se não é o de uma divindade, é, todavia, o de um mago prodigioso elevado às honras dos altares”.

Estas palavras pronunciou-as o emérito escritor cearense José Leite Maranhão em prefácio ao livro *Quarenta Sonetos*, de autoria do Dr. Cristiano Cartaxo Rolim, isto para adiante acrescentar: “Higino era um patriarca de hábitos sóbrios e austeros, sorridente e bom”.

Pois bem: este ilustre cidadão, acolhido com tanta gratidão no seio da história, é também um dos mais expressivos rebentos de primitivo clã sertanejo que povoou consideráveis trechos das margens do Salgado. Filho do Professor Francisco Gonçalves Sobreira e de Dona Josefa Gonçalves Sobreira Rolim, nasceu Higino Gonçalves Sobreira Rolim, no Riacho do Machado, município de Lavras da Mangabeira, aos 02 de fevereiro de 1852.

O pai, embora lavrense de nascimento, encontrava-se, de há muito, ligado à comunidade de Cajazeiras, na Província da Paraíba, e para alí conduziu o filho, ainda em tenra idade, matriculando-o no tradicional Colégio do Padre Inácio de Souza Rolim, na época, um dos mais destacados estabelecimentos de ensino do Nordeste.

Alí, “desde as primeiras aulas destacou-se pela dedicação aos estudos e foi se conceituando pelo seu aproveitamen-

to. Enveredou pelos caminhos da preparação lingüística, especializando-se nos estudos do latim e grego, o que lhe ensejou a surpreendente cultura humaníst.ca”. E tanto se distinguiu pela invulgar erudição de cultor da língua de Demóstenes, que posteriormente veio a ocupar a cátedra de citada disciplina como lente do referido Colégio, em substituição ao Padre Rolim. Versado em literatura, é sabido que “não se cansava de saborear o seu Virgílio, Horácio, ou o opulento Homero, que costumava recitar para maior deleite dos seus pupilos”.

Porém, não se conformando simplesmente com as atividades do magistério, veio posteriormente a desenvolver novas perspectivas do seu descortino intelectual, com o exercício da promotoria pública da comarca, ou mesmo com a militância do ofício de advogado provisionado que o foi, no patrocínio de interesses conflitantes e sempre em consonância com os imperativos da lei.

Em 1875 fundou a Farmácia Central, conhecida popularmente como A Botica do Higino, que tantos benefícios prestou à comunidade cajazeirense, e que foi, no ramo das atividades farmacêuticas, o segundo estabelecimento a ser organizado em todo o interior da Província da Paraíba. Como farmacêutico, granjeou conceito dos melhores, da mesma forma que como político veio a ostentar prestígio e notoriedade.

Perante o reverendo Padre Rolim, aos 29 de setembro do recuado ano de 1886, no Sítio Prensa, Município de Cajazeiras, matrimoniou-se com Ana Antônia de Couto Cartaxo, de cujo consórcio é rebento o Dr. Cristiano Cartaxo Rolim, herdeiro dos seus pendores literários e sucessor da sua vocação de farmacêutico e humanista.

Em Cajazeiras, por várias legislaturas, exerceu as funções do cargo de vereador e, como Presidente da Câmara Municipal, administrou o município no período compreendido entre os anos de 1887 a 1889, consoante ensina o grande historiador cearense Mozart Soriano Aderaldo, o que para o abalizado historiador paraibano Deusdedit Leitão, corresponde aos dois últimos períodos legislativos que antecederam ao advento da República. Posteriormente, foi eleito Deputado à Assembléia Legislativa daquele Estado, para o triênio de 1896 a 1899, função na qual se investiu com os arroubos peculiares ao seu talento de líder e condutor dos destinos do seu povo.

Como professor, como farmacêutico e como político, prestou inestimáveis serviços à comunidade cajazeirense, a ponto de o já aludido historiador Deusdedit Leitão assim se manifestar a seu respeito: “Não sabemos de outro cajazeirense que, além do Padre Rolim, tenha exercido atividade mais influente em favor do progresso de Cajazeiras de que Higino Rolim. Quem se der ao trabalho de ler os velhos alfarrábios que retratam com tanta fidelidade o passado da nossa terra há de encontrar o seu nome como expressão mais alta das várias atividades intelectuais, políticas ou sociais a que se devotou naquele incontido desejo de servir bem à terra e à gente cajazeirense”.

De Deusdedit Leitão são ainda os conceitos de que Higino Rolim era dotado de clarividente espírito de observação e que, como farmacêutico, o seu nome se perpetuou na lembrança dos seus contemporâneos como legenda maior de trabalho e abnegação, dizendo-nos finalmente aquele eminente pesquisador que “as notícias de sua habilidade como esculápio transpuseram as fronteiras e fizeram com que doentes de outros municípios viessem bater à porta do Dr. Higino, como era conhecido. Atendia com a sua notória solicitude e de cada doente fazia-se o amigo dedicado, integrando-se na disciplina da sua formação cristã ao edificante espírito do Amai-vos Uns aos Outros”.

Higino Gonçalves Sobreira Rolim, cercado da admiração e da estima dos seus concidadãos, faleceu na cidade de Cajazeiras, aos 12 de janeiro de 1931. Morreu, segundo Deusdedit Leitão “na confortadora convicção de que a sua terra e a sua gente já começavam a receber os eflúvios da nova e trepidante civilização”, pela qual tanto se debateu, a ponto de estar sempre em sintonia com os avanços do tempo no qual desenvolveu os vôos mais espetaculares da sua atividade existencial.

LUIZ ROLIM DA NÓBREGA

Neto, pelo lado materno, de Josefa Manoela de Araújo e de Antônio Joaquim de Souza Rolim, nasceu Luiz Rolim da Nóbrega em Lavras da Mangabeira, aos 24 de outubro de 1879, como primogênito da união matrimonial de Manoela Rolim da Nóbrega com o Dr. Fábio Cesino Decclécio da Nóbrega, paraibano de Santa Rita do Sabugy, Bacharel

pela Faculdade de Direito de Recife e Deputado à Assembléia Legislativa do Estado da Paraíba.

Na terra natal aprendeu as primeiras letras. Transferindo-se para Fortaleza, aqui estudou no Liceu do Ceará, onde tirou os preparatórios para ingressar na Faculdade de Direito do Ceará, por onde saiu Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, aos 28 de abril de 1909, como integrante de uma turma de dezenove expressivos bacharéis, da qual, além do seu nome, sobressaíram-se, dentre outros, os de Raimundo Gomes de Matos, Álvaro Bomilcar da Cunha, José Carlos de Matos Peixoto, José Clodoveu de Arruda Coelho, Hildebrando Pompeu Pinto Acioli e Antônio Galeno da Costa e Silva, este falecido como Juiz de Direito de Lavras da Mangabeira, aos 25 de março de 1935.

Em Fortaleza, ainda como estudante, lecionou no conhecido Ginásio Cearense, do Professor Anacleto de Queirós, juntando posteriormente ao cargo de professor, o de Funcionário da Fazenda Estadual. Depois de formado foi nomeado Inspetor da Alfândega e, mais tarde, Professor da Faculdade de Direito do Ceará, não chegando, porém, a assumir nenhum destes encargos, aceitando, entretanto, sua nomeação para os quadros da magistratura.

Como Juiz Municipal serviu nas comarcas de Pacatuba, Iguatu, Cascavel, Canindé e Senador Pompeu, sendo em 1923 posto em disponibilidade. Reingressando na magistratura, prosseguiu como Juiz Municipal de Cedro e Acopiara. Promovido a Juiz de Direito, foi designado para a comarca de Icó, aposentando-se nesta função em 1930.

Como juiz foi “um paradigma de honestidade, de inteireza de caráter e de elegância moral”, e mais: “um homem simples e modesto e um magistrado digno e incorruptível”, na expressão do renomado poeta cearense Carlyle Martins. Para Jáder de Carvalho, foi o Dr. Luiz Rolim da Nóbrega “um homem realmente sério, parece que feito sob encomenda”, e um cumpridor religioso do seu dever. Na magistratura, segundo o historiador Mozart Soriano Aderaldo, era o Dr. Luiz Rolim da Nóbrega um “padrão de honorabilidade e competência, e no magistério, exemplo de dedicação e desprendimento”, além de “criatura boníssima que conquistou vasto círculo de relação no Ceará”. Do Padre Raimundo Rolim de Moraes é a opinião de que ele, como magistrado, “se portou sempre com respeito e dignidade e no magistério, com dedicação e serenidade”.

E mais do que isso: além de magistrado íntegro na retidão da sua conduta, foi o Dr. Luiz Rolim da Nóbrega um entusiasta benemérito da educação. Em Iguatu, Acopiara e Senador Pompeu fundou educandários, dois dos quais com a denominação de "Colégio 7 de Setembro". No governo do Interventor Carneiro de Mendonça, serviu durante oito meses como Prefeito Municipal de Baturité, havendo seu nome sido indicado ao então mandatário cearense pelo Des. Olívio Câmara, na época Secretário dos Negócios do Interior e da Justiça do Estado do Ceará.

O Dr. Luiz Rolim da Nóbrega faleceu em Fortaleza, aos oitenta e quatro anos de idade, mais precisamente aos 24 de abril de 1933. Com sua morte, assegura Carlyle Martins, perdeu o Ceará uma das suas reservas cívicas, porque, "juiz numa terra e num tempo em que a judicatura quase não podia fugir às injunções da política e da tirania econômica", soube o Dr. Luiz Rolim da Nóbrega "atravessar toda essa tempestade sem nenhum arranhão moral", como acentua finalmente Jáder de Carvalho.

RAIMUNDO ROLIM DE MORAES

Raimundo Rolim de Moraes nasceu em Lavras da Mangabeira, aos 08 de outubro de 1886, sendo batizado aos 31 de outubro do mesmo ano do seu nascimento pelo Padre Claudino Leopoldo da Fonseca, que foi Coadjutor da Freguesia de São Vicente Férrer das Lavras, no período de 31 de janeiro de 1878 a 05 de junho de 1888. Foram seus pais o paraibano Manoel Carlos de Moraes e Dona Josefa Rolim de Moraes, lavrense.

O pai foi tabelião público em Lavras e faleceu no Estado do Amazonas, para onde se transferiu, "como uma das vítimas da nefanda oligarquia aciolina que reduziu o Ceará a uma ignóbil feitoria", segundo dispõe registro do seu passamento assentado num dos jornais fortalezenses da época.

Entrando para o Seminário Episcopal do Ceará, ali "recebeu tonsura e ordens menores a 30 de novembro de 1912, subdiaconato a 30 de novembro de 1913, diaconato a 17 de maio de 1914 e presbiterato a 30 de novembro de 1914", é o

que em torno de sua pessoa nos informa o Barão de Studart no terceiro volume do seu *Dicionário Bibliográfico Cearense*, editado em Fortaleza em 1915.

Ainda segundo o Barão de Studart, é certo o afirmar-se que o Padre Raimundo Rolim de Moraes inicialmente funcionou como vigário de Independência, onde efetivamente cantou a sua primeira missa, aos 08 de dezembro de 1914, segundo registro que conseguimos identificar nos arquivos do seu irmão Carlos Rolim de Moraes. Em fevereiro de 1915, foi nomeado coadjutor de Tamboril, ali permanecendo por alguns meses, sendo a 16 de março de 1916 designado vigário de Jaguaribe, que paroquiou até novembro de 1917. Quando foi nomeado vigário de Jaguaribe, já o regia desde 28 de dezembro de 1915, porém só havendo tomado posse nesta função aos 09 de abril de 1916.

Em seguida foi designado vigário de Icó, que regeu de 18 de janeiro de 1918 a 26 de janeiro de 1937. Vindo para Fortaleza nesta oportunidade, aqui permaneceu pelo resto de 1937 em tratamento de saúde.

Em fevereiro de 1938, teve Carta Comendaticia para o Piauí onde, entre outras, paroquiou as freguesias de Picos, Batalha e Floriano. Retornando ao Ceará, em janeiro de 1940, em Fortaleza permaneceu avulso até maio do citado ano, quando foi nomeado vigário interino de Itapipoca, onde esteve até dezembro de 1940.

Em 06 de fevereiro de 1941, foi nomeado vigário de Pacatuba, que regeu até 01 de fevereiro de 1942. Em Fortaleza, para onde se transferiu, foi capelão do Educandário Nossa Senhora de Lourdes, função na qual tomou posse aos 03 de fevereiro de 1942, bem como Coadjutor da Porciúncula e Vigário-Cooperador da Paróquia de Nossa Senhora do Patrocínio. Na Capital cearense veio a falecer, aos 10 de março de 1975.

Além de sacerdote, distinguiu-se também como educador. Em 1953, editado pela Gráfica do Jornal *A Fortaleza*, deu a lume um opúsculo intitulado *Parte da Primitiva Família de Lavras da Mangabeira*, onde traça a genealogia da progênie de Hermenegilda Rita de São José — matriarca de um dos mais significativos ramos do famigerado Clã do Logradouro. Deste trabalho, revista e ampliada e com o nome modificado para “BEMBÉM”, tirou posteriormente uma segunda edição.

JOSÉ DE SOUZA MATOS ROLIM

Poucas são as notícias que dispomos em torno de José de Souza Matos Rolim. Filho do Capitão Salviano Gonçalves Rolim e da lavrense Dona Cecília de Souza Matos, nasceu José de Souza Matos Rolim na então Vila de São Vicente das Lavras, possivelmente aí por volta de 1867. Foram seus avós paternos Joaquim Gonçalves da Costa e Dona Antônia Teresa de Jesus, esta irmã do Mestre Padre Inácio de Souza Rolim, abnegado educador e autêntico apóstolo dos sertões nordestinos.

Ainda em tenra idade, viu-se transportado para Cajazeiras, na Província da Paraíba, de onde o Capitão Salviano Gonçalves Rolim era natural e onde a família veio a fixar residência definitiva, mais precisamente a partir de 16 de julho de 1868.

A infância e parte da adolescência viveu-as entre a cidade de Cajazeiras e o Sítio Timbaúba, localizado naquele município e de propriedade dos seus progenitores. As primeiras letras aprendeu-as com o Mestre-Escola Trajano Alves da Silva e posteriormente veio a assimilar alguns conhecimentos no tradicional Colégio do Padre Rolim.

Vocacionado para o caminho das letras, emigrou à procura de espaço para o seu descortino intelectual, indo ter finalmente à Faculdade de Direito de Recife, onde bacharelou-se em Ciências Jurídicas e Sociais em 1891, aos 24 anos de idade. Foi o segundo lavrense a graduar-se por aquela instituição superior de ensino. O primeiro havia sido o Conselheiro Raimundo Ferreira de Araújo Lima, em 1840, e o terceiro seria Antônio Fiúza de Pontes, em 1902.

Logo depois de formado, exatamente aos 09 de outubro de 1891, foi nomeado Promotor Público de Souza, no Estado da Paraíba. Posteriormente, viu-se transformado em Juiz Municipal de Piancó, no mesmo Estado, por ato de 23 de março de 1892. Aos 08 de dezembro de 1893, foi promovido a Juiz de Direito de Piancó e, em 25 de junho de 1903, removido para Pombal, para o desempenho de iguais atribuições. Ali, prosseguindo no exercício da função de magistrado, veio a falecer, aos 08 de fevereiro de 1905.

Em Piancó, casou-se com Francisca Leite Ferreira Rolim, filha do Coronel Tiburtino Leite Ferreira e de Violante Mariana da Silva. A sua consorte, conhecida pela alcunha de Dona Chiquinha, uma espécie de matrona dos sertões paraibanos, exerceu considerável influência política no mu-

nicípio de Piancó e em vasta área da região, a ponto de dizer-se que, ali, nada era resolvido sem o seu consentimento.

Entre os seus descendentes, destacam-se os nomes do Dr. Elzir Nogueira Matos, Prefeito Municipal de Piancó, e o do Dr. Salviano Leite Rolim, Diretor da Caixa Econômica Federal, no Rio de Janeiro, e Procurador dos Feitos da Fazenda Nacional, ambos rebentos da sua união matrimonial com Francisca Leite Ferreira Rolim.

Em carta que nos dirigiu a 14 de março de 1982, o historiador paraibano Deusdedit Leitão nos trouxe a notícia de que em algumas notas do seu arquivo, extraídas de jornais paraibanos que registraram o falecimento do Dr. Matos Rolim, há a informação de que o mesmo exerceu o cargo de Promotor Público da Comarca de Icó, no Estado do Ceará, o que, infelizmente, ainda não tivemos condições de comprovar. No opúsculo *Cel. Matos — Um Centenário*, Rio, Gráfica Tupy, 1968, da responsabilidade de diversos autores, identificamos o seu nome como sendo José Gonçalves de Matos Rolim o que deve ser entendido como engano dos organizadores desta plaqueta, que talvez quiseram associar o seu nome ao do seu irmão, na oportunidade homenageado, no caso o Coronel Joaquim Gonçalves de Matos Rolim, o que nos parece perfeitamente explicável.

ALGUMAS FONTES CONSULTADAS

1. Mozart Soriano Aderaldo. *Rolins, Cartaxos e Afins*, Fortaleza, 1961.
2. Raimundo Rolim de Moraes. *Bembém*, Fortaleza, 1953.
3. Barão de Studart. *Dicionário Biobibliográfico Cearense*, 3.º vl., Fortaleza, 1915.
4. Raimundo Girão. *História da Faculdade de Direito do Ceará*, Fortaleza, 1960.
5. Dimas Macedo. *Lavrenses Ilustres*, Fortaleza, 1981.
6. José Leitão Maranhão. *Confidência*, in *Quarenta Sonetos de Cristiano Cartaxo Rolim*, Fortaleza, 1952.
7. Deusdedit Leitão. *Higino Rolim*, in *Correio do Sertão*, ano VII, n.º 12. Cajazeiras-Pb, julho de 1956.
8. Jäder de Carvalho. *O Morto Inesperado*, in *Diário do Povo*, Fortaleza, edição de 7.5.1963.
9. Carlyle Martins. *Luiz Rolim da Nóbrega — O cidadão e o Juiz*. in *O Unitário*, Fortaleza, edição de 27.4.1963.
10. *Cel. Matos — Um Centenário*, vários autores, Rio, Gráfica Tupy 1968.
11. Arquivos de Leonardo Mota, existentes na Cúria Metropolitana de Fortaleza.
12. Arquivos particulares do Sr. Carlos Rolim de Moraes.
13. Deusdedit Leitão. Carta de 14.3.1982.